



A EPE disponibiliza ao seu público o Boletim Trimestral do Consumo de Eletricidade, que em conjunto com a Resenha Mensal do Mercado de Energia Elétrica, ampliam a disseminação de informação sobre os principais movimentos do mercado de eletricidade no Brasil. Nesta edição, o comportamento nas classes de consumo comercial, industrial e residencial, de janeiro a março de 2026, é analisado no contexto da conjuntura econômica e da dinâmica do mercado de eletricidade no país e em suas regiões.

OS PRINCIPAIS DESTAQUES DO 1º TRIMESTRE



CONTEXTO

Consumo de eletricidade teve redução de 0,3%



COMERCIAL

Consumo comercial de energia elétrica cresceu 0,7%



INDUSTRIAL

Consumo industrial de eletricidade recuou 1,4%



RESIDENCIAL

Consumo de eletricidade residencial expandiu 1,3%



CONTEXTO ECONÔMICO

O consumo de eletricidade teve redução de 0,3% no 1º trimestre de 2026

O consumo de eletricidade teve redução de 0,3% no 1º trimestre de 2026, em relação ao 1º trimestre do ano anterior. A classe residencial teve a maior expansão no período com taxa de 1,3%. A classe comercial aumentou em 0,7%, enquanto a classe industrial teve uma queda de 1,5%.

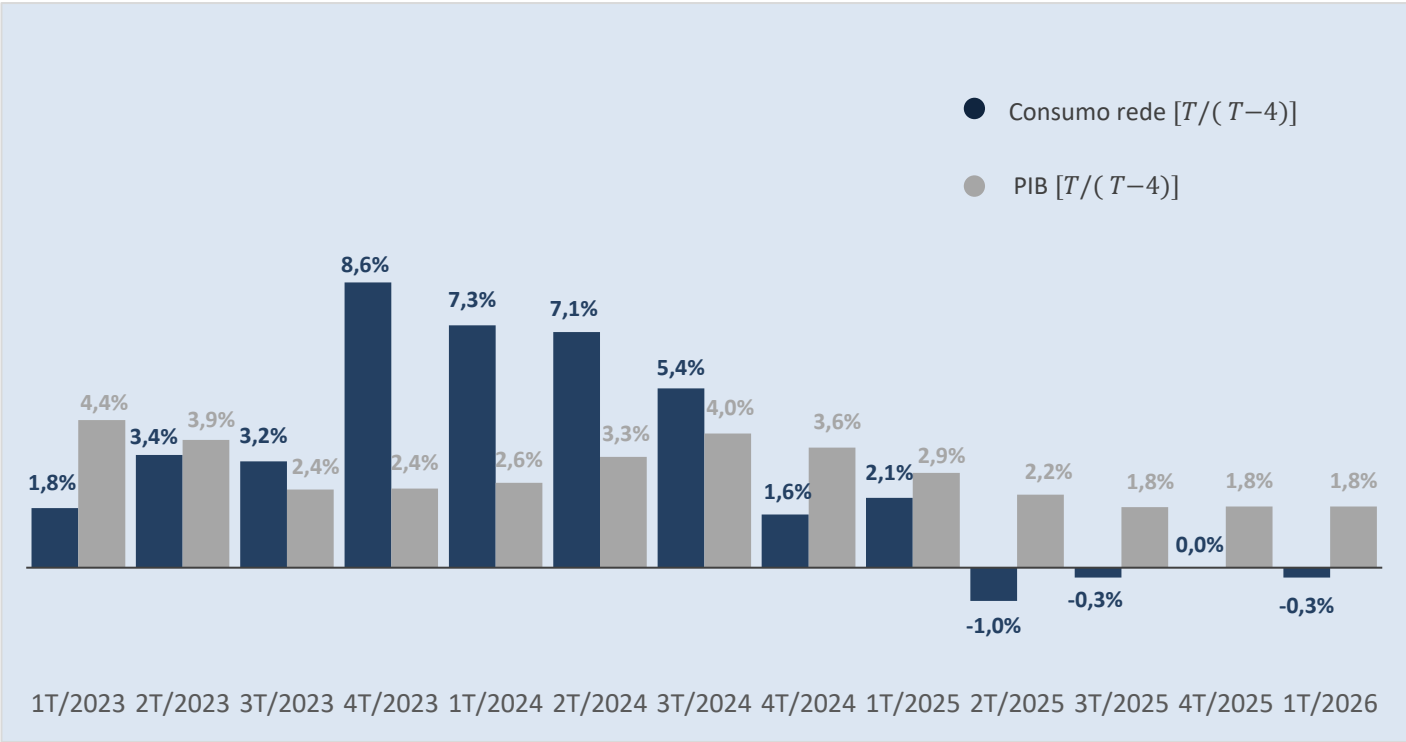
O PIB brasileiro teve uma taxa de expansão de 1,8% em comparação ao mesmo período do ano anterior. Sob a ótica da oferta, o setor de serviços (+2,1%) foi o que apresentou maior crescimento. A indústria (+1,6%) e o setor agropecuário (+0,7%) também se expandiram. Pelo lado da demanda, o maior destaque foram as exportações (+7,4%). As importações (+1,2%) cresceram de forma menos expressiva. O consumo do governo (+2,8%) e o consumo das famílias (+1,7%) também se expandiram. Por outro lado, a formação bruta de capital fixo (-1,4%) teve retração no período.

O crescimento de 1,3% no consumo de eletricidade da classe residencial está em linha com o aumento do consumo das famílias (+1,7%). Vale destacar outros indicadores que podem influenciar o crescimento do consumo dessa classe e que estão relacionados ao mercado de trabalho, tais como: 1) diminuição da taxa de desocupação (de 7,0% para 6,1%); 2) aumento de 5,5% dos rendimentos médios reais e 3) elevação da ordem de 1,21 milhão nas contratações quando se compara o estoque de março de 2026 com o mesmo mês do ano anterior.

A elevação do consumo de eletricidade da classe comercial (+0,7%) está em consonância com o crescimento do setor de serviços (+2,1%). De acordo com os dados da pesquisa de serviços (PMS/IBGE), os serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias (+10,5%) e os serviços de tecnologia da informação (+10,0%) foram os que apresentaram as maiores taxas de expansão em relação ao 1º trimestre de 2025. Por outro lado, transporte aquaviário (-4,2%) e armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio (-3,6%) foram os que tiveram as maiores retrações. Em relação ao comércio, os segmentos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+9,6%) e eletrodomésticos (+6,8%) foram os maiores responsáveis pelo crescimento do comércio. Somente quatro segmentos apresentaram taxa negativa de variação. A maior queda foi do segmento de móveis (-3,4%).

A redução de 1,5% no consumo de eletricidade da classe industrial se contrapõe à elevação observada do setor industrial (+1,6%). Segundo os dados da PIM/IBGE, o índice da indústria geral cresceu cerca de 1,4%, impulsionada pelo crescimento da indústria extrativa (+8,8%). A indústria da transformação (0,0%) se manteve estável. Entre os segmentos da transformação, a fabricação de biocombustíveis (+25,1%), a fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais (+22,6%) e a fabricação de lâmpadas e outros equipamentos de iluminação (+22,6%) foram as atividades que apresentaram as maiores taxas de expansão. Considerando os nove segmentos mais eletrointensivos da indústria da transformação, houve expansão em apenas três deles: produtos alimentícios (+2,6%), veículos automotores, reboques e carrocerias (+2,2%) e borracha e material plástico (+0,6%). Os demais segmentos tiveram queda: produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (-4,0%), produtos têxteis (-3,6%), químicos (-2,5%), celulose, papel e produtos de papel (-2,4%), metalurgia (-1,1%) e minerais não metálicos (-0,7%).

Figura 1 | Brasil: Consumo na rede vs. PIB



Fonte: IBGE (dados do PIB), EPE (dados de consumo na rede), 2026.



SETOR COMERCIAL E DE SERVIÇOS

Consumo de energia elétrica da classe comercial reverte trajetória de queda e cresce 0,7% no trimestre

O consumo de energia elétrica da classe comercial atingiu 27.913 GWh no 1º trimestre de 2026, o maior volume da série histórica da EPE para um trimestre. O resultado representa um crescimento de 0,7% frente ao mesmo período de 2025 e sinaliza uma reversão da tendência de queda registrada nos três trimestres anteriores.

No que se refere ao ambiente de contratação, o mercado livre destacou-se pelo crescimento de 10,1% no consumo da classe comercial em relação ao mesmo período do ano anterior. Em contrapartida, o consumo no mercado cativo apresentou retração de 6,3%, evidenciando a continuidade da migração de consumidores para o Ambiente de Contratação Livre (ACL).

O desempenho favorável dos setores de comércio e serviços pode ter contribuído para o crescimento do consumo de eletricidade da classe comercial no 1º trimestre de 2026. Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE, o volume de vendas do comércio varejista aumentou 2,4% em relação ao mesmo período de 2025, enquanto no varejo ampliado o avanço foi de 1,9%. O resultado foi impulsionado principalmente pelos segmentos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; eletrodomésticos; e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos. No varejo ampliado, destacou-se também o crescimento das vendas no atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo.

De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE, o volume de serviços prestados registrou expansão de 2,3% no 1º trimestre de 2026, na comparação com igual período do ano anterior. O resultado foi sustentado principalmente pelos segmentos de informação e comunicação; serviços profissionais, administrativos e complementares; e serviços prestados às famílias.

Regionalmente, o consumo de eletricidade da classe comercial apresentou crescimento na maior parte do país no 1º trimestre de 2026. As regiões Norte (+5,1%), Sul (+2,2%), Centro-Oeste (+0,9%) e Nordeste (+0,8%) registraram expansão do consumo, enquanto o Sudeste apresentou leve retração (-0,3%). A seguir, são destacados os principais fatores que influenciaram o desempenho regional da classe comercial.

+5,1%



A região Norte registrou o maior crescimento do consumo de eletricidade da classe comercial no 1º trimestre de 2026, com expansão de 5,1% e volume consumido de 1.586 GWh. A expansão observada no período representa uma aceleração em relação ao trimestre anterior e reforça a trajetória de crescimento da classe comercial na região, que já havia registrado a maior variação positiva do país em 2025 (+1,2%). O crescimento do consumo comercial na região foi impulsionado principalmente pelo Amazonas (+6,6%) e pelo Pará (+6,0%), os dois maiores mercados consumidores da classe no Norte. Nenhum estado da região teve taxa negativa de consumo da classe no período. Condições climáticas caracterizadas por temperaturas acima da média e menor volume de chuvas em grande parte da região podem ter contribuído para esse resultado. Além disso, o bom desempenho do setor de comércio também pode ter favorecido o resultado.

+0,8%



O Nordeste registrou crescimento de 0,8% no consumo de energia elétrica do setor comercial no 1º trimestre de 2026, totalizando 3.972 GWh. O resultado representa uma recuperação em relação a 2025, quando a região apresentou a maior retração entre as regiões do país, com queda de 2,3%. O desempenho regional foi impulsionado principalmente pelos estados do Maranhão (+6,9%), Sergipe (+6,8%), Paraíba e Piauí (ambos com crescimento de 5,3%). Em contrapartida, a Bahia, maior mercado consumidor do setor comercial da região, registrou retração de 5,1% no período, limitando parcialmente o crescimento regional. As condições climáticas, caracterizadas por tempo mais seco e temperaturas acima da média em parte da região podem ter reforçado a elevação do consumo de energia elétrica dos estabelecimentos comerciais. Além disso, o bom dinamismo das atividades de comércio e serviços em grande parte dos estados nordestinos também pode ter contribuído para esse crescimento.

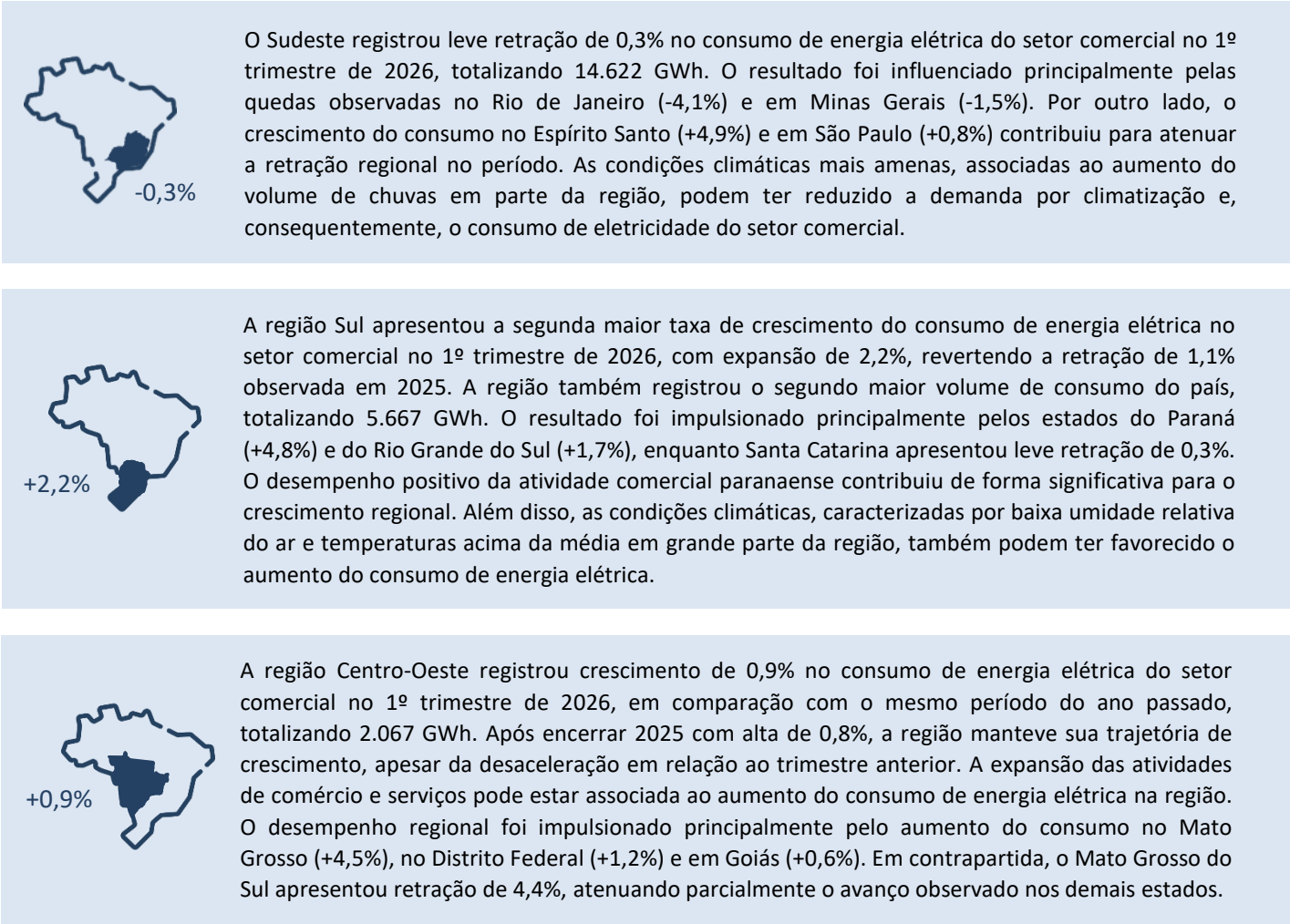


Figura 2 | Brasil: Variação do consumo de eletricidade no trimestre sobre igual período do ano anterior

		2025	1º Tri (2026)	12 meses
	NORTE	1,2%	5,1%	2,5%
	NORDESTE	-2,3%	0,8%	-1,5%
	SUDESTE	0,0%	-0,3%	-0,8%
	SUL	-1,1%	2,2%	-2,0%
	CENTRO-OESTE	0,8%	0,9%	1,1%
	BRASIL	-0,4%	0,7%	-0,8%

Fonte: EPE, 2026.

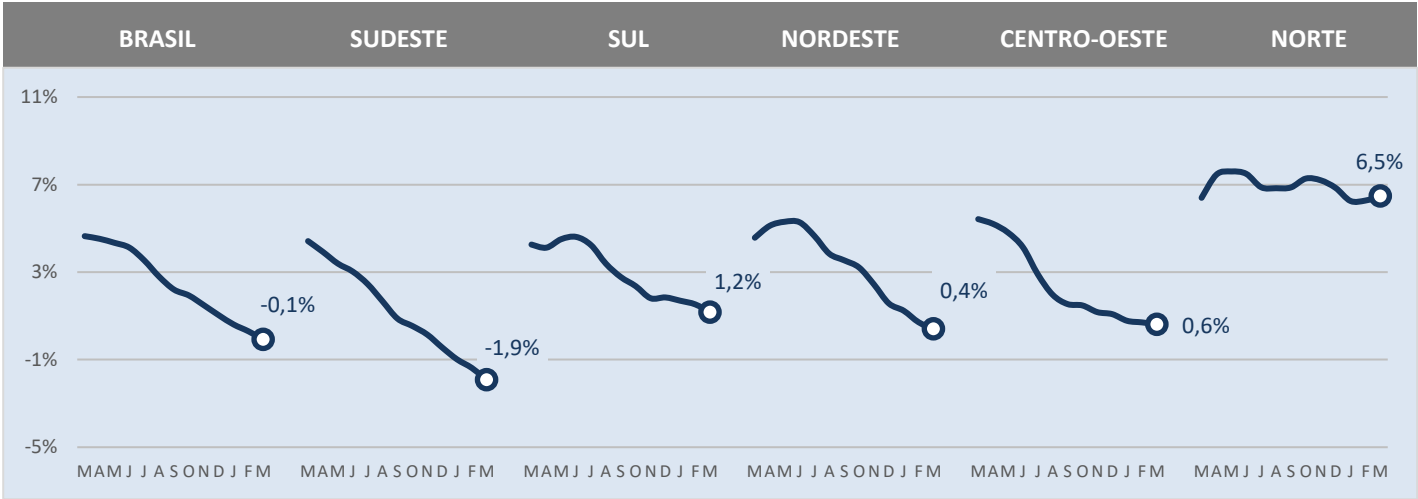
SETOR INDUSTRIAL

Consumo industrial de eletricidade recuou 1,4% no 1º trimestre de 2026

O consumo nacional de energia elétrica das Indústrias* foi de 48,2 TWh no 1º trimestre de 2026, recuo de 1,4% em comparação com o mesmo trimestre de 2025. A queda no consumo ocorre em oposição à alta de 1,6% no PIB da indústria no período, porém em linha com a queda de 0,9% na indústria de transformação.

Este foi o terceiro trimestre consecutivo com taxa negativa no consumo industrial de eletricidade, após um longo período de 13 trimestres com taxas positivas. Geograficamente, a região Sudeste (-3,6%) foi a que mais retraiu o consumo. O Nordeste (-2,4%) também consumiu menos. Por outro lado, a região Norte (+7,3%) foi a que mais elevou o consumo, que subiu também no Centro-oeste (+0,6%) e no Sul (+0,3%). Entre as Unidades da Federação, dez reduziram o consumo, Alagoas (-46,2%) registrou a maior queda, devido principalmente à indústria química. Já o Sergipe (+17,3%) teve a maior expansão. O consumo industrial acumulado nos últimos 12 meses foi de 199 TWh, queda marginal de 0,1% na comparação com igual período anterior.

Figura 3 | Brasil e Regiões: Séries de taxas do acumulado de 12 meses do consumo industrial 2025-2026.



Fonte: EPE, 2026.

A Formação Bruta de Capital Fixo (Investimento) apresentou a segunda retração consecutiva, na comparação interanual: segundo o IBGE devido ao recuo da produção interna de bens de capital. Já o Consumo do Governo cresceu no período. Assim como o Consumo das Famílias, que teve sua 20ª variação positiva. A taxa de desemprego no 1º trimestre foi de 6,1%, a menor para o período desde 2012, mantendo a massa de renda em seu maior nível histórico (IBGE). Já o Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria (NUCI) foi de 82,4% em março de 2026, alta de 0,7 ponto percentual na comparação com março de 2025 (FGV/IBRE).

Neste 1º trimestre, o consumo industrial de eletricidade retraiu em 26 dos 37 setores monitorados pela EPE. Entre os dez setores mais eletrointensivos, sete consumiram menos. O consumo de eletricidade reduziu 1,6% entre os eletrointensivos e 3,3% nos demais setores da indústria. Entre os mais eletrointensivos, a metalurgia deixou de consumir 847 GWh no trimestre e foi o setor que mais reduziu, encolhendo em 6,8% o consumo, na comparação interanual. A produção física retraiu no mesmo período, influenciada pela queda nos grupos siderurgia, produção de tubos de aço e fundição (PIM-PF/IBGE).

O setor automotivo, registrou a segunda maior queda percentual, consumindo menos 5,6% de eletricidade no trimestre, em oposição à expansão observada na produção de veículos. Segundo a Anfavea, entidade que representa o setor, o bom ritmo de produção no mês de março, sem feriados, influenciou o resultado da produção no trimestre.

Já produtos químicos reduziu em 5,0% o consumo, a terceira maior queda percentual entre os dez setores mais eletrointensivos. Porém, a segunda maior em valores absolutos, deixando de consumir 244 GWh no trimestre, na comparação interanual. Contribuíram para o resultado a entrada em hibernação de uma unidade eletrointensiva do segmento de cloro-álcalis no Nordeste e a queda do consumo no Sudeste, em parte pela parada programada de manutenção em outra grande unidade de cloro-álcalis. A produção física do setor químico caiu no período.

O consumo de eletricidade para fabricação de produtos de metal encolheu 4,0% no trimestre, quarta maior retração percentual entre os eletrointensivos, em linha com a queda na produção física do setor.

A fabricação de produtos de borracha e material plástico (-2,7%) também consumiu menos eletricidade no trimestre, em oposição à leve expansão na produção física no mesmo período. Segundo a PIM-PF do IBGE, a produção física do setor foi puxada pela fabricação de produtos de material plástico, enquanto a fabricação de produtos de borracha retraiu. O consumo de eletricidade e a produção física podem variar de forma diferente em função de como os grupos que compõem o setor utilizam o insumo eletricidade.

O consumo de eletricidade reduziu ainda na fabricação de produtos têxteis (-2,5%) e de produtos de minerais não metálicos (-1,3%), acompanhando a queda da produção física em cada setor.

Por outro lado, o setor de extração de minerais metálicos (+12,4%) foi o que mais expandiu o consumo de eletricidade no 1º trimestre de 2026, na comparação interanual, acompanhando o bom desempenho do setor extrativo mineral, com alta na produção de minério de ferro, cobre e níquel. Segundo o relatório de produção e vendas da maior mineradora do país, o trimestre foi marcado por forte produção e vendas, com vários ativos atingindo seus maiores níveis de produção. Quanto ao consumo de eletricidade, a alta de 12,4% no trimestre adicionou 450 GWh, atenuando a queda do consumo industrial no período. Pará se destacou, com a contribuição do ramp up de um segundo forno em uma grande unidade consumidora. Minas Gerais e Espírito Santo também sobressaem.

Os setores de fabricação de papel e celulose (+4,2%) e produtos alimentícios (+2,6%) também elevaram o consumo de eletricidade no trimestre, adicionando juntos 281 GWh no período. Em papel e celulose, a maior contribuição para a alta veio de uma grande fábrica de celulose no Nordeste: a parada geral de manutenção elevou o consumo da rede, pela indisponibilidade de autoprodução de energia elétrica na unidade. Enquanto em alimentícios, a alta no consumo de eletricidade está em linha com a produção física, que cresceu em 6 dos 9 grupos que compõem o setor (PIM-PF/IBGE). Destaque para a alta na produção do grupo abate e fabricação de produtos de carne, grande consumidor de energia elétrica.

Figura 4 | Brasil: Consumo Industrial por setor

VARIAÇÃO TRIMESTRAL DO CONSUMO INDUSTRIAL DE ELETRICIDADE					
10+ ELETROINTENSIVOS	PART.	Δ% 1º TRI.	10+ ELETROINTENSIVOS	PART.	Δ% 1º TRI.
 EXTRAÇÃO DE MINERAIS METÁLICOS	8,5%	+12,4%	 BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO	5,7%	-2,7%
 PAPEL E CELULOSE	5,3%	+4,2%	 PRODUTOS METÁLICOS EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	2,1%	-4,0%
 PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	14,8%	+2,6%	 QUÍMICO	9,6%	-5,0%
 MINERAIS NÃO-METÁLICOS	7,4%	-1,3%	 AUTOMOTIVO	3,4%	-5,6%
 TÊXTIL	3,0%	-2,5%	 METALÚRGICO	24,4%	-6,8%

Nota: variação avaliada em Δ% entre o 1º trimestre de 2026 e o 1º trimestre de 2025.

Fonte: EPE, 2026.



SETOR RESIDENCIAL

Consumo residencial desacelera, mas registra maior volume da série para um 1º trimestre

O consumo de energia elétrica no setor residencial brasileiro atingiu 48.856 GWh no 1º trimestre de 2026, registrando crescimento de 1,3% em relação ao mesmo período de 2025. Esse resultado representa o maior volume de consumo residencial já observado para um 1º trimestre desde o início da série histórica da EPE, em 2004.

O consumo de energia elétrica nas residências brasileiras foi influenciado por fatores climáticos e econômicos distintos ao longo do 1º trimestre de 2026. Em janeiro, temperaturas acima da média e condições mais secas em diversas regiões do país favoreceram o aumento da demanda por eletricidade, principalmente em razão da intensificação do uso de equipamentos de climatização, como aparelhos de ar-condicionado e ventiladores.

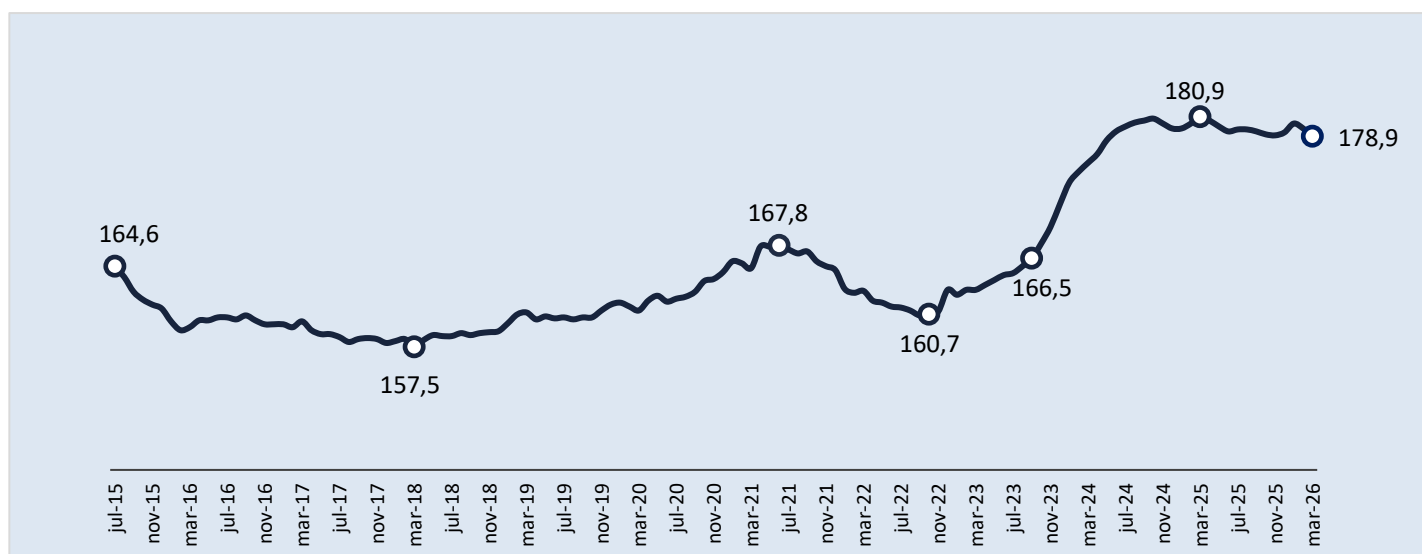
Também contribuíram para o desempenho do setor a expansão do número de consumidores residenciais. Além disso, a melhora dos indicadores de emprego e renda, associada ao crescimento das vendas de eletrodomésticos, favoreceu a aquisição e o uso de equipamentos elétricos nos domicílios brasileiros. Adicionalmente, a vigência da bandeira tarifária verde, sem cobrança adicional na tarifa de energia elétrica, pode ter contribuído para sustentar o consumo no período.

Por outro lado, alguns fatores atuaram no sentido de moderar o crescimento do consumo ao longo do trimestre. Em fevereiro e março, a maior ocorrência de chuvas e as temperaturas relativamente mais amenas em comparação com o mesmo período de 2025 reduziram a necessidade de refrigeração dos ambientes. Somado a isso, a redução do ciclo de faturamento em parte das distribuidoras locais também contribuiu para limitar a expansão do consumo no período.

Em março de 2026, o número de consumidores residenciais apresentou expansão de 2,0% em comparação com o mesmo mês de 2025, correspondendo a um acréscimo de 1.687.232 unidades consumidoras. Esse resultado pode estar associado tanto à realização de novas ligações à rede elétrica quanto à reclassificação de consumidores oriundos de outras classes de consumo para a classe residencial.

Por sua vez, o Consumo Residencial Médio (CRM) apresentou queda de 1,1% em relação a março de 2025, alcançando 178,9 kWh/mês. A redução pode ser explicada pelas condições climáticas mais amenas registradas no período, que contribuíram para uma menor demanda por refrigeração e climatização nos domicílios.

Figura 5 | Brasil: Consumo residencial médio (kWh/mês)



Fonte: EPE, 2026.

No 1º trimestre de 2026, com exceção da região Sudeste, todas as outras regiões registraram expansão no consumo de energia elétrica residencial. Os principais movimentos em termos de consumo foram:

+7,0%



A região Norte apresentou o maior crescimento no consumo residencial de energia elétrica entre as regiões no período analisado, com expansão de 7,0% e volume total de 3.466 GWh. O resultado representa uma aceleração em relação ao trimestre imediatamente anterior. Todos os estados da região registraram variações positivas no consumo, com destaque para Amapá (+13,7%), Pará (+8,3%), Rondônia (+6,0%) e Tocantins (+5,2%). Condições climáticas mais quentes em grande parte da região podem ter contribuído para esse desempenho, ao estimular o uso de equipamentos de climatização.

+2,8%



No Nordeste, o consumo residencial de energia elétrica totalizou 9.726 GWh no trimestre, registrando crescimento de 2,8% e acelerando em relação ao quarto trimestre de 2025. O desempenho foi impulsionado principalmente pelos avanços observados em Alagoas (+8,3%), Maranhão (+8,3%) e Piauí (+7,2%). As temperaturas elevadas e as condições mais secas em grande parte da região contribuíram para esse resultado. Em sentido oposto, o Rio Grande do Norte (-3,0%) foi o único estado nordestino a apresentar retração no consumo no período.

-0,7%



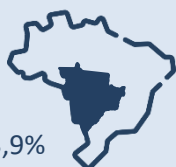
O Sudeste foi a única região a registrar retração do consumo residencial de energia elétrica no 1º trimestre de 2026 (-0,7%), comportamento que também se verificou no acumulado dos doze meses encerrados em março (-0,9%). Ainda assim, a região manteve a liderança nacional em volume consumido, com 22.123 GWh no trimestre, refletindo sua elevada participação no mercado residencial de energia elétrica do país. O desempenho regional foi influenciado principalmente pelas quedas observadas no Rio de Janeiro (-5,1%) e em São Paulo (-1,8%). Entre os fatores que podem estar associados a esse resultado destacam-se as temperaturas mais amenas e o maior volume de precipitações registrado na região. Nesse contexto, o Rio de Janeiro apresentou a maior anomalia de precipitação entre os estados brasileiros no trimestre, com volume de chuvas mais de três vezes superior ao observado no mesmo período de 2025.

+1,3%



A região Sul apresentou crescimento de 1,3% no consumo residencial de energia elétrica no período analisado, totalizando 9.088 GWh. Apesar da expansão, o consumo perdeu ritmo em relação aos dois trimestres anteriores. Ainda assim, a região encerrou o ano de 2025 com a maior taxa anual de crescimento do consumo residencial entre as regiões do país, registrando alta de 4,7%. Com exceção do Rio Grande do Sul (-2,8%), os demais estados da região apresentaram variações positivas no consumo residencial no 1º trimestre: Paraná (+5,1%) e Santa Catarina (+2,3%). O resultado regional foi favorecido, principalmente, pelas temperaturas acima da média climatológica, pela ocorrência de ondas de calor e por períodos de menor precipitação ao longo do trimestre.

+3,9%



O Centro-Oeste apresentou crescimento de 3,9% no consumo residencial de energia elétrica no 1º trimestre de 2026, alcançando 4.453 GWh. Embora o ritmo de expansão tenha sido inferior ao observado no trimestre imediatamente anterior, a região manteve a liderança no crescimento acumulado em doze meses findos em março de 2026, com variação de 3,6%. Todos os estados registraram aumento do consumo no período, sendo que Mato Grosso (+7,9%), Mato Grosso do Sul (+3,9%) e Goiás (+2,8%) apresentaram as maiores taxas de crescimento da região.

Figura 6 | Brasil: Variação do consumo de eletricidade no trimestre sobre igual período do ano anterior

		2025	1º Tri (2026)	12 meses
	NORTE	0,9%	7,0%	2,9%
	NORDESTE	1,5%	2,8%	2,0%
	SUDESTE	0,7%	-0,7%	-0,9%
	SUL	4,7%	1,3%	2,5%
	CENTRO-OESTE	3,3%	3,9%	3,6%
BRASIL		1,8%	1,3%	1,0%

Fonte: EPE, 2026.

MERCADO LIVRE

No 1º trimestre de 2026, o consumo livre avança 2,8%, enquanto consumo cativo cai 2,6%

O mercado livre, com 64,2 TWh, respondeu por 44,1% do consumo nacional de energia elétrica no 1º trimestre de 2026, registrando crescimento de 2,8% no consumo e de 27,5% no número de consumidores, na comparação com mesmo período de 2025. A região Norte registrou a maior expansão do consumo livre (+9,4%) e a maior expansão no número de consumidores livres (+40,6%). Contribuiu para esse resultado no mercado livre, principalmente, a expansão de 10,1% no consumo livre comercial.

Já o mercado regulado das distribuidoras, com 81,3 TWh, respondeu por 55,9% do consumo nacional de eletricidade no 1º trimestre de 2026, queda de 2,6%. O número de unidades consumidoras aumentou 1,8% no período, mesmo com a migração de consumidores para o mercado livre. No mercado regulado, somente a região Norte teve expansão do consumo (+3,4%) e teve também a maior expansão do número de consumidores cativos (+2,4%). Somente a classe residencial expandiu em 1,3% o consumo cativo, enquanto as demais classes tiveram contração do consumo no mercado regulado.

Após a abertura do mercado livre para todos os consumidores do grupo A (alta tensão) em janeiro de 2024 (portaria do MME 50/2022), houve migração para o ACL de 25 mil consumidores em 2024 e outros 22 mil em 2025. Segundo relatório de migração do ACL da ANEEL de abril de 2025, há previsão de 10 mil consumidores migrarem em 2026.

A abertura do mercado livre tem mudado o perfil dos consumidores livres, ainda predominantemente industrial, ao permitir a migração de todo grupo A. Assim, a participação da classe industrial no consumo livre total cai de 73,4% no 1º tri/2025 para 71,3% no 1º tri/2026 (-2,1 pontos percentuais), enquanto as classes: comercial e outros (principalmente serviço público de Água, Esgoto e Saneamento) atingem, respectivamente, 20,3% (+1,3 p.p.) e 5,7% (+0,9% p.p.) de participação.

Coordenação Geral

Thiago Ivanoski Teixeira

Coordenação Executiva

Carla C. Lopes Achão

Coordenação Técnica

Arnaldo dos Santos Junior

Glaucio Vinicius Ramalho Faria

Equipe Técnica

Bruno Eduardo Moreira Montezano

Flávia Camargo de Araújo

Lena Santini Souza Menezes Loureiro

Marcelo Henrique Cayres Loureiro

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas neste informe, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Dúvidas podem ser endereçadas ao e-mail copam@epe.gov.br



Para saber mais, acesse os seguintes dados na íntegra:

Resenha Mensal do Mercado de Eletricidade (<https://bit.ly/3e05DZu>)

Séries históricas de consumo mensal (<https://bit.ly/2LFHxqM>)